

Macunaíma e o mito de Exu

Prof. Gecilmar Pereira Borges¹

Prof.^a Dr.^a Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha²

Resumo: O objetivo desse artigo é evidenciar alguns aspectos da personalidade de Exu, uma entidade mítica originalmente africana, encontrados na representação do personagem Macunaíma, da obra de mesmo nome, do poeta modernista Mário de Andrade. Legbá é uma divindade africana que recebe outras denominações, dependendo da região da África onde seu culto é realizado. Eleguá, Legbará, Elegbará ou simplesmente Bará, no Brasil, recebe o nome de Exu e, como na África, é considerado o mensageiro dos orixás. A comparação com os mitos de Exu permite verificar, na composição da personalidade de Macunaíma, algumas semelhanças e diferenças que podem servir de pistas para compreender seu caráter múltiplo ou multifacetado. A ocorrência de elementos caracterizadores, pertencentes ao arquétipo de Exu no herói Macunaíma, pode ser considerada uma presença da literatura oral africana na composição da narrativa literária modernista de Mário De Andrade, obra esta consonante com o projeto de concepção de um herói nacional que integra os mais variados aspectos étnicos da formação da cultura brasileira.

Palavras-chave: Exu, Macunaíma, Mitos

1. Introdução

“Um dia, em terras africanas dos povos iorubás, um mensageiro chamado Exu andava de aldeia em aldeia à procura de solução para terríveis problemas que, na ocasião, afligiam a todos, tanto os homens como os orixás.”³

Este artigo analisa algumas características pessoais do herói Macunaíma, personagem da obra homônima do escritor modernista Mário De Andrade, **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Procura-se, neste trabalho, comparar a personalidade de Macunaíma com o arquétipo de Legbá, uma entidade mítica de origem africana bastante conhecida

nos candomblés e umbandas brasileiros pelo nome de Exu.

Nos vários cultos de candomblés da Bahia e também nas umbandas de várias regiões do Brasil, Exu é considerado o orixá mais controvertido da cosmogonia Iorubá, devido ao seu caráter múltiplo e duvidoso. No romance de Mário de Andrade, o orixá aparece na cerimônia visitada pelo herói e reconhece Macunaíma como seu “filho”. A partir desta indicação presume-se que Macunaíma possui uma personalidade múltipla ou multifacetada, aproximando-se das peculiares características que compõem o arquétipo mítico do orixá Exu, ou seja, o seu orixá regente.

Discutir a personalidade de Exu implica considerar os conceitos de arquétipo e de consciente coletivo. A teoria dos arquétipos de Jung (2000) versa sobre as imagens primordiais que o filósofo reconhecia no inconsciente de seus pacientes e também em si próprio, em sua autoanálise. Essas imagens são semelhantes a motivos repetidos em toda parte e por toda a história e se manifestam como conteúdos do inconsciente coletivo. Jung justifica sua opção em utilizar o termo coletivo devido:

[...] o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal, isto é, contrariamente à psique pessoal, ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são, ‘cum grano salis’⁴, os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos constituindo, portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000, p. 15)

De acordo com Jung, “O arquétipo representa essencialmente um conteúdo inconsciente, o qual se modifica através de sua conscientização e percepção, assumindo matizes que variam de acordo com a consciência individual na qual se manifesta” (JUNG, 2000, p. 17). Os Iorubás, povos africanos dos quais provêm os mitos encontrados no candomblé brasileiro, acreditavam que cada homem possui um orixá e, mais cedo ou mais tarde, essa pessoa manifestaria as características próprias de seus deuses patronos. A personalidade de cada orixá, ou o arquétipo mítico desse orixá, é construída através dos mitos que narram seus feitos e seus temperamentos. A religião dos orixás possui um acervo mitológico extremamente rico e variado. Os mitos são a chave para o desvendamento do oráculo dos Odu⁵.

A obra de Reginaldo Prandi, **Mitologia dos Orixás** (2001), é utilizada neste trabalho comparativo devido à sua seriedade metodológica, à escolha do material selecionado e, ainda, devido à linguagem utilizada pelo pesquisador na composição dos mitos. Sob este aspecto e, antes de tudo, importa esclarecer alguns problemas metodológicos

encontrados no percurso desta análise. Apenas alguns dentre os 30 mitos de Exu, presentes na coletânea de Prandi, apresentam as características que se pretende evidenciar neste artigo, o que exige considerar igualmente outras publicações visando a buscar elementos esclarecedores de alguns aspectos da personalidade de Exu, ausentes nos mitos recolhidos pelo pesquisador.

Prandi (2001) explica que, segundo a tradição oral, os Odus foram recolhidos pelo próprio orixá Exu em terras africanas e entregues à Orunmilá, o guardião do segredo, sendo posteriormente transmitidos aos babalaôs, velhos sacerdotes africanos que decoravam os poemas e, através do oráculo, estabeleciam a comunicação entre deuses e homens.

Os mitos dos orixás são estórias e contêm orientações aos seres humanos, narrando o que fora no princípio, podem desvendar os caminhos de cada ser humano. Esses mitos estruturam os rituais religiosos na África e na América. Em algumas regiões da África e em Cuba, esse conhecimento pertence aos babalaôs, sacerdotes do oráculo de Ifá.

Prandi (2001) afirma que, no Brasil, com o desaparecimento dos babalaôs, o conhecimento dos Odus passou às mãos dos pais e mães de santo que fazem uso indiscriminado dessas narrativas, alterando fontes e conteúdos sem nenhuma organização mais elaborada. Dessa forma, a multiplicidade de variantes de um mesmo mito dificulta a comparação dos temas. No sentido de possibilitar a comparação de material tão variado, justifica-se a utilização, neste artigo, dos mitos encontrados na coletânea de Reginaldo Prandi, pois estes mantêm os “conteúdos originais das fontes” e elimina as repetições de mitos encontrados, por exemplo, em mais de uma fonte. Ao explicar seu método de pesquisa e elaboração, o pesquisador assume que:

Na redação dos mitos, tive que optar por algum tipo de padronização da linguagem, uma vez que não existe nenhuma uniformidade nas diferentes fontes, podendo um mesmo mito aparecer escrito de modo diferente em cada uma das versões disponíveis, às vezes apresentadas por um mesmo autor, que vai, por assim dizer, aprimorando a redação em cada publicação. Alguns autores são prolíficos, outros demasiadamente econômicos no uso das palavras. Optei por um padrão inspirado na forma dos poemas dos babalaôs africanos (conforme Abimbola, 1976), com o uso de versos livres e linguagem sintética, procurando sempre manter, contudo, os conteúdos originais das fontes. (PRANDI, 2001, p. 35)

Trata-se, portanto de comparar dois tipos de materiais originários de duas fontes bem distintas. De um lado, mitos que foram recolhidos em várias partes da América e da África, provenientes de uma tradição oral e, de outro lado, é utilizada uma narrativa literária

de grande complexidade formal, que surge do trabalho criativo de um autor consciente de seu empreendimento artístico com as formas linguísticas a fim de compor um personagem que pudesse representar a síntese da identidade cultural brasileira.

Apresentadas as pontuações metodológicas que regem este olhar investigativo, pode-se insistir que **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter** é, dentre as mais significativas obras de Mário de Andrade, aquela que incorpora, de forma mais consistente, o questionamento da noção de identidade cultural no Brasil. De fato, é uma das mais contundentes expressões do Modernismo brasileiro como afirma Telê Porto Ancona Lopes (1972, p. 171): “Em 1928, com Macunaíma, Mário de Andrade já chegava à síntese nacional como postulado estético criando um herói que simbolizava o brasileiro intemporal, firmado nas tradições móveis e no substrato nacional”.

O “substrato nacional” no qual Mário firmou-se para compor a saga do herói brasileiro contempla os vários materiais simbólicos originários das várias etnias que compõem a nação brasileira. Ao retomar as simbologias africanas, o escritor reconhece os elementos culturais africanos já disseminados em nossa cultura.

A hipótese da qual partem as reflexões aqui apresentadas consiste em afirmar que o escritor modernista resgata as características fundadoras do arquétipo mítico de Exu e as utiliza na composição da personalidade de Macunaíma. O capítulo VII, Macumba, é decisivo para a discussão que aqui se pretende realizar, pois é o único episódio do livro em que o próprio Exu torna-se personagem da narrativa de Mário de Andrade.

2. Exu e Macunaíma – paralelos

Mas quem é esse personagem tão controvertido e ambíguo que preside os rituais religiosos afro-americanos? Reginaldo Prandi define assim seu lugar na cosmogonia Iorubá:

Exu é o orixá sempre presente, pois o culto de cada um dos demais orixás depende do seu papel de mensageiro. Sem ele, orixás e humanos não podem se comunicar. Também chamado Legbá, Bará ou Eleguá, sem sua participação, não existe movimento, mudança ou reprodução, nem trocas mercantis, nem fecundação biológica. (PRANDI, 2001, p. 20)

A coerente apresentação acima referenciada revela esse aspecto essencial em Exu: o movimento. Exu é o primeiro da cosmogonia a ser materializado, sem ele não existe movimento. Dessa forma, tudo o que é móvel e dúbio é presidido pela essência do orixá.

Sem ele não há procriação, pois sem movimento não há fecundação. Exu representa o múltiplo e seu caráter não pode ser fixado.

A comparação com Macunaíma deve ser balizada por essa prerrogativa que se impõe: o caráter do orixá não pode ser fixado, ele não é nem mal e nem bom. Da mesma forma, não era tarefa fácil chegar a uma síntese do brasileiro atemporal. Macunaíma é nomeado, portanto, o “*herói da nossa gente*”, “*o herói sem nenhum caráter*”, pois sua essência não pode ser fixada em um único aspecto definidor para toda a recente nação brasileira, plena de etnias e de culturas as mais diversas, um mosaico de pessoas e forças sociais em ebulição, colocado em contato pela empresa colonial.

O brasileiro é o produto desse processo constitutivo e, assim como o orixá, sob essa perspectiva, a identidade seria definida não mais por uma ausência: “*sem nenhum caráter*”, mas por um outro aspecto que o define: a multiplicidade do caráter do brasileiro, assim como o caráter múltiplo de Exu.

O primeiro mito analisado apresenta Exu e seu parentesco com os outros orixás. Assim como Macunaíma, Exu é frequentemente apresentado como o turbulento irmão caçula de Ogum, Oxóssi (Odé) e Xangô, em alguns mitos, ou Ogum e Oxóssi noutros. Também aparecem referências à proximidade de Exu com Orunmilá, o dono do segredo, que é apresentado frequentemente como o pai ou amigo mais íntimo de Exu, ou uma espécie de preceptor do orixá:

Exu era o filho caçula de Iemanjá e Orunmilá, / irmão de Ogum, Xangô e Oxóssi. / Exu comia de tudo / e sua fome era incontrolável [...] / Primeiro comeu tudo o que mais gostava, [...] / Orunmilá pediu a Ogum / que detivesse o irmão a todo custo. [...] / Ogum teve que matar o próprio irmão. (PRANDI, 2001, p.45-46)

As relações de Macunaíma e seus irmãos, assim como as relações que Exu mantém com os outros orixás do panteão africano, são relações ambíguas, às vezes tranquilas, muitas vezes turbulentas. Macunaíma também possui dois irmãos: “*Maanape, já velhinbo, e Jiguê, na força do homem*” (p. 13) ⁶. Em vários episódios da narrativa de Mário de Andrade, Maanape é reconhecido como “*feiticeiro*”. No enterro da mãe, “*Maanape, que era um catimbozeiro de marca maior, foi quem gravou o epitáfio*” (p. 22). Em outros momentos, observa-se que essa particularidade de Maanape fica mais evidente: “*Macunaíma estava com o olho esquerdo dormindo, porém Maanape conheceu-o bem. Maanape era feiticeiro.*” (p. 97).

Essas e outras várias passagens evidenciam esse caráter místico de Maanape, mas é da relação entre os dois irmãos que surge a similaridade com o mito de Exu e suas

relações com o velho amigo e protetor, o mago Orunmilá. Macunaíma, o caçula, e Maanape, o feiticeiro, estão sempre juntos nas armações do herói e é com Maanape que este se aperfeiçoa nos segredos da magia e começa uma série de transformações. Ao reforçar suas capacidades mágicas, o herói pode, inclusive, ressuscitar. A primeira vez que volta à vida acontece depois de seu encontro com o archi-inimigo Piaimã, que o havia matado e “feito picadinho”. Com o auxílio do mano Maanape, que o retira da panela e o leva para a pensão, Macunaíma readquire a aparência humana.

Mas uma diferença fundamental é percebida entre o mito e a obra literária: no mito, Orunmilá é o adivinho que recebe de Exu os segredos dos Odus e o adota como filho, para que este lhe sirva como mensageiro. No romance do modernista brasileiro, o feiticeiro Maanape é o irmão muito mais velho de Macunaíma, sendo sempre muito sábio e paternal. Maanape, assim como Orunmilá, detém o segredo da adivinhação e da magia, o que lhe permite prever o futuro e, junto com Macunaíma, ganhar dinheiro, como sugere o texto de Mário de Andrade (1928, p.111): “Depois, pediu uma centena pra Maanape e foi até um chalé jogar no bicho. De tarde, quando viram, a centena tinha dado mesmo. E assim eles viveram com os palpites do mano mais velho. Maanape era feiticeiro”.

O irmão Jiguê é frequentemente associado à caça e ao sustento da família. Neste caso, a semelhança com o mito de Oxóssi (Odé), o caçador, sugere o paralelo entre os três manos: Macunaíma, o mais novo, Jiguê, o caçador e Maanape, o feiticeiro. Nos mitos de Exu, também aparecem ligados pelos laços familiares os orixás Exu, o mais novo, Oxóssi, também caçador e Orunmilá, também feiticeiro.

Mas o terceiro irmão de Exu, Ogun, o orixá guerreiro, não é representado na composição familiar de Macunaíma. Essa ausência sugere a pouca inclinação da família para a guerra, ao passo que os outros dois irmãos evocam o grande apelo ao sobrenatural, na imagem de Maanape/Orunmilá, e a disposição para o trabalho na figura de Jiguê/Oxóssi. O terceiro irmão, o caçula, representa o comportamento imprevisível e altamente sexuado (Macunaíma/Exu). A família de Macunaíma gera, de certa forma, um paralelismo com algumas características do próprio povo brasileiro em formação e seu caráter místico, trabalhador e pouco inclinado à guerra.

Exu consegue sempre algum encargo, graças ao conhecimento de um segredo mágico que adquire por malícia ou roubo. Em um episódio do mito, ele se torna o mensageiro dos outros orixás, fazendo deste um trabalho que nenhum outro poderá realizar, garantindo, portanto, o reconhecimento dos outros irmãos orixás: “Exu era o mais jovem dos orixás / Exu assim devia reverência a todos eles, / Sendo sempre o último a ser cumprimentado. / Mas Exu almejava a senioridade, / desejando ser homenageado pelos

mais velhos. [...]” (PRANDI, 2001, p.42).

Em um encontro com os outros orixás e o deus supremo no Orum⁷, Exu aceita a exigência imposta por Olodumaré⁸ e, como fora prescrito, vai ao seu encontro junto com os outros orixás, sem levar nada sobre a cabeça além da ecodidé⁹, sendo consagrado, portanto, graças a sua malícia, o mensageiro do deus supremo. Graças às artimanhas do orixá mais novo, todos devem reconhecer a primazia de Exu no recebimento das oferendas: “Tudo o que quiserem de mim, / que me seja mandado dizer por intermédio de Exu. / E então, por isso, pela sua missão, / que ele seja homenageado antes dos mais velhos. [...]” (PRANDI, 2001, p.42)

Macunaíma, desde cedo, almeja o reconhecimento dos outros membros da família, mas só alcança a liderança do grupo com a morte da matriarca. O herói consegue, desde pequeno, ludibriar os outros personagens e, nas conversas das mulheres da tribo, estas já diziam que “*espinho que pinica, de pequeno já traz ponta*” (p. 13) demonstrando que, desde cedo, o herói já era reconhecidamente desordeiro.

Mas, “*numa pajelança, Rei Nagô fez um discurso e avisou que o herói era inteligente*” (p. 13) e reconhece a esperteza de Macunaíma. O herói e sua família, após a morte da mãe, partem numa andança pelo Brasil em busca da Muiraquitã, o amuleto ganhado da Ci, a Mãe-do-Mato. Macunaíma, tendo se tornado o Imperador do Mato Virgem, assume, portanto, o comando da família e recebe em troca o reconhecimento dos irmãos.

Exu, por sua vez, é caracterizado pela sua má índole e pelas suas artimanhas. Em uma apresentação do orixá, ele é representado como um moleque trapaceiro e ambicioso que ludibriaria todos, orixás e humanos: “Bará era um menino muito esperto. / Todo o mundo tinha receio de suas artimanhas. / Ele enganava todo o mundo, / queria sempre tirar sua vantagem. [...]” (PRANDI, 2001, p. 54).

Macunaíma também usa de artimanhas para superar o irmão Jiguê na feitura da armadilha para a anta. Ao ver seu irmão Jiguê preparando uma armadilha, este lhe pede a “*fibra de curauá*”. Jiguê, primeiramente, nega-lhe a fibra, mas depois concede seu desejo. Macunaíma leva a fibra para o “*pai-de-terreiro*” e pede para que este faça uma corda e que “*assopre nela a fumaça de petum*” (p.15). A tecnologia empregada no preparo da armadilha é a magia que Macunaíma vai pedir ao pai-do-terreiro. O que Macunaíma quer é superar o irmão Jiguê na liderança da família e, assim como Exu, consegue seu intento através das suas artimanhas.

Os dois personagens aqui comparados, Exu e Macunaíma, são ambos muito maliciosos e vingativos. Macunaíma promete vingança aos manos pela mesma motivação que Exu que, assim como o herói, não recebe comida das Iabás¹⁰, Oxum, Iemanjá e

Obatalá. Macunaíma não consegue comer da anta caçada, apesar de ter superado Jiguê na eficiência da armadilha que fizera com a “*fibra de curauá*”:

Quando Jiguê chegou com a corda de caruá vazia, encontrou todos tratando da caça, ajudou. E, quando foi pra repartir, não deu nem um pedaço de carne pra Macunaíma. O herói jurou vingança. No outro dia, pediu pra Sofará que levasse ele pra passear e ficaram no mato até boca-da-noite. Nem bem o menino tocou no folhicho e virou príncipe fogoso. Brincaram. (ANDRADE, 1928, p.15)

Exu também se vinga das adivinhas Oxum, Iemanjá e Obatalá por não receber delas a comida que julgava merecer. Revoltado por causa do desprezo das adivinhas que não o alimentavam, Exu decide vingar-se, afugentando a clientela que vinha consultar os búzios:

Oxum, Iemanjá e Obatalá viviam na mesma casa. / Eram adivinhas de vasta clientela / e tinham em Eleguá o guardião da porta [...] / As adivinhas comiam tudo, se empanturravam. [...] Para Eleguá ofereciam só os ossos. / Eleguá andava insatisfeito com a situação. / Um dia, um rato entrou na casa das santeiras. / Eleguá caçou o rato e o comia aos pouquinhos. / Eleguá comia o rato pouco a pouco na porta da rua, / enojando a freguesia que adentrava a casa. / E, assim, toda a clientela foi afugentada. (PRANDI, 2001, p. 56)

Nos mitos de Exu, o orixá irmão mais novo de Ogum e Oxóssi é apresentado como sendo “tão turbulento” e que “criava tanta confusão” que fora expulso da aldeia pelo rei por causa de sua “malfazeja índole”. Para se vingar, Exu semeia “desassossego, desgraça e confusão” sobre o reino, revelando para os irmãos seu caráter vingativo:

Exu era o irmão mais novo de Ogum, Odé (Oxóssi) e outros orixás. / Era tão turbulento e criava tanta confusão / Que um dia o rei, já não suportando sua malfazeja índole, / resolveu castigá-lo com severidade. / Para impedir que fosse aprisionado / os irmãos o aconselharam a deixar o país. / [...] Vingou-se ele, semeando sobre o reino / Toda sorte de desassossego, desgraça e confusão. (PRANDI, 2001, p.82).

O mesmo tema da expulsão do filho caçula está representado no episódio em que Macunaíma é expulso da tribo em que vivia com a família. No livro de Mário de Andrade, é a matriarca quem toma a decisão de expulsá-lo da aldeia, pois a velha mãe ainda era a autoridade máxima do grupo familiar. No episódio em que a fome se abate sobre a

família, depois do herói vingar-se, divertindo-se com a desgraça dos irmãos Maanape e Jiguê, Macunaíma leva sua mãe junto com suas coisas para “*a outra banda do rio, lá no teso*” (p.18). Depois de constatar que a “*índia tapanbumas*” procurava comida para dar aos manos, que sofriam com a fome do outro lado do rio, o herói vinga-se da mãe e a leva de volta para a miséria, como o fizera Exu, espalhando desgraça e fome sobre o reino da mãe. Ao perceber o quanto o filho Macunaíma cria tumultos e tantos outros problemas, a reação da velha mãe é imediata:

Então, a velha teve uma raiva malvada. Carregou o herói na cintura e partiu. Atravessou o mato e chegou ao capoeirão chamado cafundó dos Judas. Andou légua e meia nele, nem se enxergava mato mais, era um coberto plano apenas movimentado com os pulinhos dos cajueiros. Nem guaxe animava a solidão. A velha botou o curumim no campo onde ele podia crescer mais não e falou: / – Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não. / E desapareceu. [...] (ANDRADE, 1928, p.19)

Em alguns mitos, Exu é representado como um menino atento, trapaceiro, que fica sempre num canto da porta de entrada observando os que entram e saem das habitações ou nas encruzilhadas, vigiando os seus caminhos. Exu, um dia, vai morar com Oxalá e observa o trabalho de fabricação dos seres humanos. Seu intento é observar, aprender e se tornar rico e poderoso. Neste sentido, Exu é ganancioso e busca a riqueza material:

Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, / não tinha profissão, nem artes, nem missão. / Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro. [...] / Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos. / Exu prestava atenção na modelagem / e aprendeu como Oxalá fabricava [...] / Exu não perguntava. / Exu prestava atenção. / Exu aprendeu tudo. [...] / e Oxalá decidiu recompensá-lo. [...] / Exu ficou rico e poderoso. (PRANDI, 2001, p.40)

Durante muito tempo, antes de tudo aprender, Exu observou o trabalho dos orixás mais velhos. Pode-se intuir, por esta narrativa, que seu intento era de aprender o ofício de Oxalá e ganhar fortuna. No início do texto de Mário de Andrade, Macunaíma também observava o trabalho dos “*dois manos que tinha*” e demonstrava grande interesse por riqueza, pois apesar da preguiça que demonstra ter, Macunaíma reage prontamente frente ao dinheiro:

Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros, principalmente dos dois manos que tinha, Maanape já velhinho, e Jiguê,

na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado, mas, se punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. (ANDRADE, 1928, p.13)

No episódio em que o herói torna-se pai de uma criança que teve com Ci, a Mãe-do-Mato, Macunaíma batia na cabeça do filho dizendo: *“Meu filho, cresce depressa pra você ir pra São Paulo ganhar muito dinheiro”* (p.28). Em outro episódio, em que fugia do gigante Piaimã, Macunaíma não para de correr até avistar algumas inscrições esculpidas no Espírito Santo onde supunha haver dinheiro enterrado:

Adiante da cidade de Serra, no Espírito Santo, quase arreventou a cabeça numa pedra com muitas pinturas esculpidas que não se entendia. De certo, era dinheiro enterrado... Porém, Macunaíma estava com pressa e fechou pras barrancas da ilha do Bananal. (ANDRADE, 1928, p.54)

Este aspecto da personalidade de Exu, sua ganância por riqueza, não se coaduna com a peculiar relação que Macunaíma tem com o dinheiro. Macunaíma é preguiçoso e não encara a recompensa financeira como mérito do trabalho. Diferentemente de Macunaíma, Exu é o orixá que representa o trabalho recompensado. Para isso, Exu aprende os segredos da modelagem dos humanos com Oxalá, recolhe os segredos do oráculo de Orunmilá e o entrega aos homens, trata de ganhar a soberania no trabalho, como mensageiro entre os homens e orixás, sendo, portanto, obrigatoriamente recompensado por tudo que faz. Sua forma de garantir o seu poder é aprendendo os segredos, centralizando as tarefas de mensageiro dos deuses e vigia dos caminhos do homem. Quanto a Macunaíma, o herói não gosta do trabalho e sobrevive das artimanhas que trama com os manos Jiguê e Maanape.

Mas Exu, por outro lado, é representado como um orixá esperto, ganancioso e trapaceiro. Em uma passagem do mito, finge perder uma grande fortuna e consegue ser recompensado pelo chefe local revelando-se essa trapaça mais uma artimanha para ficar rico:

[...] Exu ficou na casa de um homem de importante posição social. / De madrugada, quando todos dormiam, / Exu levantou-se devagarinho e fingiu que ia urinar no quintal. / Lá fora, Exu pôs fogo nas palhas que cobriam a casa. / Enquanto o telhado pegava fogo, / Exu gritava como louco, se fazendo de inocente. / Gritava que estava perdendo grande fortuna no incêndio.[...] / Como se tratava se tratava de prejuízo a um estrangeiro, / o chefe local resolveu pagar o suposto valor que Exu perdera. [...] (PRANDI, 2001, p. 47)

Macunaíma gosta muito de sexo. Em vários episódios do livro, o herói “brinca” com as mulheres. Neste ponto, é oportuno refletir sobre o caráter altamente sexuado de Macunaíma, comparando-o com o gênio libidinoso de Exu. Em um estudo sobre o culto de Exu, na forma como é representado no imaginário religioso afro-brasileiro, Reginaldo Prandi explica esse aspecto do orixá:

Para um iorubá ou outro africano tradicional, nada é mais importante do que ter uma prole numerosa, e para garanti-la é preciso ter muitas esposas e uma vida sexual regular e profícua. É preciso gerar muitos filhos, de modo que, nessas culturas antigas, o sexo tem um sentido social que envolve a própria ideia de garantia da sobrevivência coletiva e perpetuação das linhagens, clãs e cidades. Exu é o patrono da cópula, que gera filhos e garante a continuidade do povo e a eternidade do homem. Nenhum homem ou mulher pode se sentir realizado e feliz sem uma numerosa prole, e a atividade sexual é decisiva para isso. É da relação íntima com a reprodução e a sexualidade tão explicitadas pelos símbolos fálicos que o representam, que decorre a construção mítica do gênio libidinoso, lascivo, carnal e desregrado de Exu-Elegbará. (PRANDI, 2005, p. 75)

Outra característica de Exu, presente na narrativa de Mário de Andrade, é a mobilidade e transitoriedade do herói. Macunaíma está sempre em deslocamento, o que, segundo Gilda de Mello (1979), cria um espaço narrativo na forma de um “aglomerado indiferenciado de lugares distintos” (Mello, 1979, p. 32) que se coaduna com o projeto nacionalista em que o escritor estava empenhado no momento, criando para seu herói brasileiro um “espaço lendário” e um “tempo primordial” em que se desenrola a ação.

Neste espaço imaginado, Macunaíma se desloca livremente e, nesse sentido, é interessante lembrar que o espaço, as entradas e os caminhos, a comunicação e o movimento são os domínios regidos por Exu. Sobre esse aspecto de transitoriedade e mobilidade de Exu, Prandi explica que:

As oferendas dos homens aos orixás devem ser transportadas até o mundo dos deuses. Exu tem este encargo, de transportador. Também é preciso saber se os orixás estão satisfeitos com a atenção a eles dispensada pelos seus descendentes, os seres humanos. Exu propicia essa comunicação, traz suas mensagens, é o mensageiro. É fundamental para a sobrevivência dos mortais receber as determinações e os conselhos que os orixás enviam do Aiê. Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares. (PRANDI, 2001, p. 61)

Macunaíma e seus irmãos andam por todo o Brasil, mas o que surpreende é a forma como este atravessa grandes extensões territoriais, ou para dar uma “*voltinha*”, ou fugindo do Gigante Piaimã. O herói vive intensamente em transição, ou seja, em constante deslocamento, percorre todo o território nacional, nasce no Mato-Virgem, insere-se abruptamente na Metrópole do Café, não antes de passear pelo Brasil afora desenhando o espaço ficcional em que se desenvolvem as ações do herói brasileiro.

Por causa de suas traquinagens, foi abandonado pela mãe no meio do mato “*Tremelicando com as perninhas em arco*” (p.19). Macunaíma começa a andar até que encontra o Curupira e pergunta-lhe como deveria fazer para voltar para casa. Maliciosamente, o Curupira ensina-lhe um caminho errado que Macunaíma, por preguiça, não seguiu, começando um processo de deslocamento espacial que não cessará mais. Atravessa o espaço geográfico brasileiro como se deslocasse livremente no espaço como se pode perceber nos trechos a seguir:

No outro dia, Macunaíma, depois de brincar cedinho com a linda Iriqui, saiu para dar uma voltinha. Atravessou o reino encantado da Pedra Bonita, em Pernambuco, e, quando estava chegando na cidade de Santarém, topou com uma viada parida. (ANDRADE, 1928, p. 22)

O herói teve medo e desembestou numa chispada mãe parque adentro. O cachorro correu atrás. Correram, correram. Passaram lá rente à Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá, Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma dúzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem. Rumaram pra sudoeste e nas alturas de Barbacena [...] (ANDRADE, 1928, p. 39)

Assim, Macunaíma passeia pelo Brasil em busca da muiraquitã, o amuleto dado pela Ci, a Mãe do Mato. Ao mesmo tempo em que ele encontra e dialoga com os deuses e outros seres sobrenaturais, o herói não cessa esse deslocamento até voltar para as margens do Uiraricoera e subir ao céu na forma de uma estrela.

Já nas lendas de Exu, o orixá é apresentado como guardião das entradas e dos caminhos e por isso está sempre vigiando seus domínios. O orixá é também responsável pelas encruzilhadas, onde recebe suas oferendas, e por isso está sempre em movimento, ou em trânsito, tornando incertos os destinos dos homens. “[...] Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada. / por onde passavam os que / vinham à sua casa. / Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse / uma oferenda para Oxalá. [...] / Exu trabalhava demais e fez ali sua casa, / ali na encruzilhada.” (PRANDI, 2001, p. 40-41).

O constante deslocamento de Exu e sua capacidade de passar por todos os lugares também estão presentes no episódio da fuga do pai Orunmilá, que tenta controlar e punir Exu. Este foge de seu pai transitando entre os espaços, nos vários céus que compõem o Orum¹¹:

[...] Elegbará acabou por devorar a própria mãe. / Ainda com fome, Exu tentou comer o pai. / Mas Orunmilá pegou da espada / E avançou sobre o filho para matá-lo. / Exu fugiu, sendo sempre perseguido pelo pai. / A perseguição ia de Orum em Orum / A cada espaço do céu, Orunmilá alcançava o filho. (PRANDI, 2001, p. 74)

Essa peculiaridade de Exu pode ajudar a compreender a semelhança na forma como Macunaíma movimenta-se com surpreendente agilidade pelo espaço ficcional. Exu é o orixá que guarda todos os caminhos e tem o poder de comunicar o mundo material e o mundo espiritual. É também o mensageiro dos orixás e guardador dos segredos dos Odus, que recolheu percorrendo as terras africanas dos povos iorubás, construindo assim um saber narrativo que depois entrega aos sacerdotes do oráculo de Ifá.

Não há no livro de Mário de Andrade nenhuma outra referência direta a Exu, com exceção do capítulo “*Macumba*”, no qual Macunaíma vai ao terreiro da tia Ciata levando um garrafão de pinga para oferecer e pedir ao orixá que lhe dê força para matar seu inimigo Piaimã.

Exu é saudado na macumba e apresentado como “*diabo-coxo, um capiroto malévolo, mas bom, porém pra fazer malvadezas*” (p.58) e apesar de nenhum “*santo*” há doze meses não ter aparecido nas últimas macumbas, desta vez Macunaíma desejava que viesse o Exu para se vingar do gigante. Depois das rezas entoadas em homenagem ao “*santo*”, Exu incorpora na polaca e vai escolher seu predestinado. Quem senão Macunaíma será escolhido pelo “*grande Cão presente*” como o próprio “*filho novo do fute*”?

– Venho pedir pra meu pai por causa que estou muito contrariado. / – Como se chama? perguntou Exu. / – Macunaíma, o herói. / – Uhum... o maioral resmungou, nome principiado por Ma tem má-sina... / Mas recebeu com carinho o herói e prometeu tudo que ele pedisse porque Macunaíma era filho. (ANDRADE, 1928, p.62)

O reconhecimento de Macunaíma como o “*filho*” do orixá sugere que o herói possui, senão todas, mas grande parte das características que compõem o arquétipo mítico de Exu e confirma a hipótese de que essas características ajudam a compor a personalidade

do herói marioandradiano.

Prandi, ao analisar os candomblés em diversas regiões do Brasil, faz uma apresentação das características dos “filhos de Exu”¹² na forma como são percebidos pelas comunidades religiosas. Nas definições encontradas, a ambivalência e o caráter múltiplo são características constantemente apontadas nos filhos de santo que têm Exu como o orixá principal. Os filhos de Exu são geralmente apresentados como:

[...] agitados. Gente irônica, manhosa, perigosa, viril — o malandro de morro. É gente que fala fácil; sexualmente ativado. Gente de Exu adora a rua, adora a cachaça. E é gente muito rápida. Pensou, já fez. Gente de Exu é perturbada, vive tendo problema com a polícia. É gente perversa, matreira, que gosta de pegar as pessoas à traição. Tem que saber levar. Exu pra bagunçar uma casa, só ele. Mas não guardam rancor.

Tipo mítico-geral: Ambivalente, inclinado à maldade, depravação. Intriguentos e egoístas. Quietos baianos: Contraditório, alegre, brincalhão, inteligente e amante das comidas e bebidas. Também mal-educado, sujo, manhoso e astuto. Briguento e mulherego.

Nagô pernambucano: (Não fornecido)

Angola fluminense: (Não fornecido)

3. Conclusões

O que mais se pode intuir de toda a exposição é que os pontos de contato chamam a atenção de um leitor familiarizado com as mitologias Iorubás. Em **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**, o mito de Legbá e as lendas de Exu fornecem pistas para compreendermos algumas peculiaridades do caráter de Macunaíma que Mário de Andrade soube representar, compondo um personagem multifacetado, híbrido, que evidencia a nossa própria constituição como povo mestiçado.

A intertextualidade estabelecida entre os mitos e o texto do modernista brasileiro permite intuir que Mário de Andrade utiliza elementos da tradição oral africana em sua narrativa literária, criando assim um protagonista que apresenta grandes semelhanças com o arquétipo de um orixá.

O herói nacional marioandradiano apresenta as características dos filhos de santo que possuem Exu como “orixá de cabeça”. Macunaíma é viril ou altamente sexuado,

manhoso, adora dinheiro, é intrigueiro, egoísta, astuto e inteligente, está sempre em movimento e é extremamente vingativo. Essas são características frequentemente verificadas nos “filhos de Exu”.

A sobrevivência do conhecimento ancestral africano deve-se em grande parte pela manutenção da família africana ampliada que se formou na outra margem do Atlântico. Esse material simbólico sobrevive até nossos dias permeando a música, a culinária, a dança, construindo crenças e orientando os devotos do candomblé e umbandas brasileiras.

As características de Exu apontadas em Macunaíma podem ser compreendidas como mais uma particularidade na representação de nosso herói nacional em ação na busca de sua própria definição: o brasileiro e sua ausência de caráter? Ou antes, seu caráter múltiplo, assim como a multiplicidade do caráter de Exu?

Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma** – o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2000.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**: Contribuição para uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1989.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOPES, Telê Porto Ancona. **Mário de Andrade**: Ramais e Caminho, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segredos Guardados**: Orixás na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá

Exú. In: **Revista USP**, nº 50, pp. 46-65, São Paulo: 2001.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O tupi e o alaúde**: uma interpretação de Macunaíma. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

Notas

¹ Pós-graduando em Letras - Mestrado em Teoria Literária - pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU

² Docente do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – UFU e orientadora do projeto do aluno.

³ Trecho de mito narrado pelo sociólogo Reginaldo Prandi in: **Mitologia dos Orixás**, 2001, p.17.

⁴ *Cum grano salis* (Latin). Com um grão de sal. Significa transcrever comentando, citar enfeitando ou alterando o original, comentar com traços pessoais.

⁵ Os Odus são os poemas decorados pelos anciões sacerdotes do culto de Ifá e contam o que foi, no princípio do mundo, as aventuras e desventuras dos orixás e seres humanos. Na África, existe o hábito de dizer que, quando morre um ancião, toda uma biblioteca é perdida para sempre.

⁶ ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**, o herói sem nenhum caráter, 2000, p. 13. As referências, doravante, serão indicadas apenas com o número da página. Ex: (p. 23)

⁷ O Orum é a morada dos orixás ou o mundo espiritual onde habitam Olorum e os orixás.

⁸ Olodumaré ou Olorum (que quer dizer: o senhor do Orum) é considerado o deus supremo criador do Aiê, do mundo material. É também o criador de todos os orixás.

⁹ Ecodidés são as penas do papagaio vermelho e são colocadas na cabeça, amarradas na testa.

¹⁰ Iabás são orixás femininos.

¹¹ Orum é o nome que recebe o mundo espiritual em oposição ao Aiê, que é o mundo material. Os Orixás habitam o Orum, onde também habita o deus supremo Olorum, palavra que significa “o Senhor do Orum”, criador de todas as coisas, entre elas os próprios Orixás.

¹² É pertinente esclarecer a expressão “filho de santo” na forma como é definido entre as comunidades religiosas afro-brasileiras. O filho de um determinado orixá possui as características pessoais e físicas que se aproximam do arquétipo desse orixá. Ele será considerado, portanto o seu

“orixá de cabeça”. Neste sentido, orixá de cabeça é o orixá principal que domina a personalidade do iniciado e determina uma série de tabus e preceitos que o acompanham durante toda sua vida religiosa. Apesar de possuir geralmente mais de um orixá (geralmente um orixá masculino e um orixá feminino) um entre eles predomina na personalidade do iniciado.

Macunaíma and the myth of Exu

Abstract: The aim of study was show some aspects of personality of Exu, originally an African mythical entity, found in the representation of the character Macunaíma, of work of the same name, of modernist poet Mario de Andrade. Legbá is an African divinity who receives other names depending on region of Africa where his whorship is performed. Eleguá, Legbará, Elegbará or simply Bará, in Brazil he is known as Exu and, as in African, he is considered the messenger of deities. The comparison with the myths of Exu led us to identify in the composition of personality of Macunaíma some similarities and differences which may provide clues to understanding its multiple or multifaceted character. The occurrence on the Macunaíma hero of characteristic elements belonging to the archetype of the Exu may be considered a presence of African oral literature in composition of the modernist literary narrative of Mario de Andrade, his work is in line with the project of designing a national hero that integrates the most diverse ethnic aspects of Brazilian culture.

Key-words: Exu, Macunaíma, Myths.

*** Prof. Gecilmar Pereira Borges**

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/6123738645319677>

Endereço eletrônico: gecilmarpborges@yahoo.fr

*** Prof.^a Dr.^a Betina R. Rodrigues da Cunha**

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/0504371515180190>

Endereço eletrônico: betina@ufu.br

